

Representações e disputas de memórias: a revolta dos colonos através de imagens

Mayara da Fontoura das Chagasⁱ (UNIOESTE)

Pensar questões envolvendo as disputas de memórias e as representações construídas sobre momentos históricos é uma das grandes problemáticas enfrentadas no fazer história. Cabe ao historiador questionar as versões apresentadas e a forma como essas são estruturadas, além de perceber os silêncios e os esquecimentos propositais existentes nas mesmas. A partir disso é que entendemos como impar a problematização das fontes. Neste trabalho destacamos as fontes imagéticas e a partir delas é que buscamos compreender como foram utilizadas para a construção de uma versão sobre os acontecimentos que levaram a Revolta dos Colonosⁱⁱ – 1957 e, ainda, como este tipo de fonte é elaborado e produzido, sob que condições e influências.

As disputas envolvendo memórias e representações de momentos históricos estão em muito presentes em nosso cotidiano. São muitas as utilizações de fontes iconográficas para a proposição de versões de fatos, construções de representações e (re)elaboração de memórias, isso respaldados por interesses diversos como políticos, econômicos e identitários.

As comemorações referentes ao cinquentenário da Revolta dos Colonos, no ano de 2007, nos remetem à tentativa de construção de uma memória oficial, a qual segundo Michael Pollak é “a imagem que uma sociedade majoritária ou Estado desejam passar e impor”ⁱⁱⁱ. Memória esta formada por diferentes aspectos e momentos, os quais foram organizados em documentos distintos de forma convergente, objetivando a consolidação e conhecimento de uma única versão sobre tal movimento.

Buscando problematizar as formas como estas construções se deram, analisaremos algumas imagens presentes no *Caderno Cultural* n.5^{iv}, intitulado *Revolta dos Posseiros Cinquentenário 1957-2007 “Exposição Fotográfica”*, financiado pela prefeitura de Francisco Beltrão. O qual apresenta algumas imagens caracterizadas como reprodução fiel do momento em que ocorreu a Revolta como exposto na introdução do Caderno,

10.4025/6cih.pphuem.175

[...] O Caderno Cultural nº 5 registra a Exposição Histórica Fotográfica “Revolta dos Posseiros 50 anos”, contemplando aspectos históricos da Região Sudoeste do Paraná: colonização – habitantes e economia primitiva; as mudanças ocorridas no território Paranaense; área em litígio; “Revolta dos Posseiros” e sua repercussão nacional.

Destacamos a importância da divulgação do acervo fotográfico histórico de Oswaldo Jansen, maior documentário regional do levante de 1957, adquirido pela Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão. Essas fotografias nos remetem fielmente aos fatos históricos do movimento e sua dimensão.

Este trabalho resgata e ilustra o sentimento dos posseiros nesse acontecimento de grande relevância para o Paraná e para o País. (PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO: 2007,05)

Sendo este um Caderno que se propõe, através da reprodução de uma exposição fotográfica, contemplar os aspectos históricos do sudoeste paranaense falando sobre a colonização, economia, as mudanças territoriais e a repercussão desses processos em âmbito nacional é que podemos pensar a busca pela construção de uma memória única, que se constitua como aquela que deve ser resguardada e lembrada, em detrimento de todas as outras.

É importante também analisarmos como essas imagens são apresentadas e como são propostas. Como citado acima às mesmas são entendidas como representação fiel do momento inclusive destacando a dimensão tomada pelos fatos. Desta forma podemos pensar as disputas que se desenvolvem sobre essas memórias, pois se as imagens representam a “realidade”, outras versões baseadas em relatos orais, por exemplo, são descaracterizadas.

Também, a partir da apresentação escrita pela diretora do Departamento de Cultura de Francisco Beltrão – Tânia Maria Penso Ghedin, é que podemos perceber que a representação trazida por este caderno não se compreende como mais uma versão sobre tais momentos, mais sim como a versão real.

Uma das imagens de maior destaque sobre a Revolta dos Colonos é a apresentada na capa do *Caderno Cultural* n.5, como os demais cadernos destinados à comemoração do cinquentenário da Revolta. Esta apresenta a imagem dos colonos empunhando a Bandeira Nacional e suas armas. A imagem que reforça a ideia de luta, dos colonos contra as Companhias colonizadoras de terras e, também,

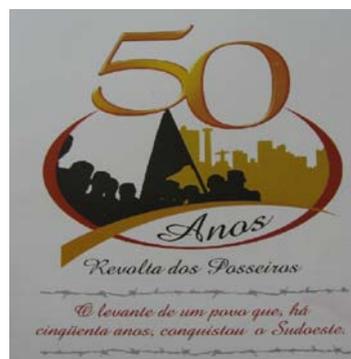
a busca pelo apoio das autoridades, principalmente do Governo Federal, a causa defendida.



Capa do Caderno Cultural n. 5, produzido pela Secretaria de Cultura de Francisco Beltrão.

A apresentação dessa imagem na capa dos *Cadernos Culturais* é bastante significativa, pois retifica a ideia dos colonos como lutadores e vitoriosos, os quais através de uma organização e com armamentos de baixa eficiência venceram as companhias colonizadoras, estas que possuíam armamentos mais modernos, além de contarem com os “serviços” de jagunços para a venda das terras.

Outra imagem importante é a logomarca comemorativa ao cinquentenário da Revolta, a qual foi criada por Marcos Chiapetti, vencedor do concurso organizado pelo Departamento de Cultura da Prefeitura de Francisco Beltrão, em outubro de 2006.



Logomarca comemorativa ao cinquentenário da Revolta dos Colonos.

A logomarca vencedora apresenta características convergentes às narrativas publicadas pelo Departamento de Cultura de Francisco Beltrão, principalmente, nos *Cadernos Culturais* comemorativos a Revolta. Os 50 anos expressam o período de

tempo que se passou da Revolta até a comemoração de seu cinquentenário. No entanto, quando sobrepostas às imagens, a primeira delas que pode ser caracterizada como símbolo da Revolta dos Colonos e, ao fundo um esboço da cidade de Francisco Beltrão com seus pontos turísticos, o Cristo e a Torre que permite uma visão panorâmica da cidade, temos uma ideia de processo, sendo o levante de 1957 em muito responsável pelo “progresso” tido pela cidade atualmente. Além disso, a logomarca apresenta os seguintes dizeres “O levante de um povo que, há cinquenta anos, conquistou o Sudoeste”, os quais estão postos entre a imagem de dois fios de arame farpado. Os dizeres e a forma como estão dispostos na logomarca, nos remetem as disputas pela posse das terras do sudoeste paranaense, principalmente aos embates entre posseiros e as companhias colonizadoras e, ainda, salientam que os vencedores/conquistadores de tais disputas foram o “povo”. Na logomarca, também, há a denominação da Revolta como dos posseiros, sendo possível pensarmos as disputas que existem até mesmo para a nomenclatura do movimento salientando a diferença existente entre colonos e posseiros e os interesses envolvidos, os quais mantêm essa disputa até a atualidade.

Ao analisarmos a forma como as imagens são apresentadas e como compõem a versão construída temos de pensar o que compreendemos por representação que segundo Sandra Pesavento é “ação humana de re-apresentar o mundo – pela linguagem e pela forma, e também pela encenação do gosto ou pelo som –, a representação dá a ver e remete a uma ausência. É, em síntese, “estar no lugar de”.^v

Sendo assim podemos pensar como os objetivos propostos no início do Caderno Cultural n.5 corroboram junto às imagens para a construção de uma representação, de uma elaboração que nos remete aos acontecimentos, no entanto em nenhum momento essa será a fiel reprodução dos fatos e sim constituirá mais uma versão sobre os mesmos.

Outro aspecto a ser pensado é o processo de criação das imagens, no que diz respeito à fotografia este é envolto em questões, escolhas e influências. Segundo Boris Kossoy na imagem fotográfica encontram-se incorporados elementos de ordem material e imaterial como os recursos técnicos, químicos ou eletrônicos e os mentais e os culturais, respectivamente. Ou seja, a imagem é construída por

aquele que fotografa, sendo que tudo que está envolvido no processo influencia o resultado final.

Então, ao pensarmos uma imagem como representação temos que estar cientes das suas limitações, levantando questões que nos aproxime da construção das mesmas e dos objetivos de utilizações dessas como documentos. Kossoy destaca que,

O espaço e o tempo implícito no documento fotográfico subentendem sempre um contexto histórico específico em seus desdobramentos sociais, econômicos, políticos, culturais etc. a fotografia resulta de uma sucessão de fatos fotográficos que têm seu desenrolar no interior daquele contexto. Ela registra, por outro lado, um micro aspecto do mesmo contexto. (KOSSOY: 1999, 26)

Como destaca Kossoy as imagens nos remetem a um contexto histórico, no entanto elas constituem a reprodução de uma pequena parcela do todo, envolta ainda na subjetividade daquele que fotografa. Assim podemos destacar a importância de se problematizar as fontes e de questionarmos as apresentações destas como reproduções fidedignas dos fatos.

Portanto,

O assunto, tal como se acha representado na imagem fotográfica, resulta de uma sucessão de escolhas; é fruto de uma somatória de seleções de diferentes naturezas – idealizadas e conduzidas pelo fotógrafo – seleções essas que ocorrem mais ou menos concomitantemente e que interagem entre si, determinando o caráter da representação. (KOSSOY: 1999, 27)

Partindo desses aspectos e questionamentos é que podemos pensar algumas imagens que constituem o acervo sobre a Revolta, destacando a forma como são apresentadas e problematizando como as mesmas são entendidas. São estas características presentes nas fotografias que nos remetem ao momento histórico que tratam, apresentando como salienta Kossoy uma parte muito pequena do todo.

É dentro desse contexto que o Caderno Cultural n.5 foi pensado. O mesmo apresenta, através de imagens, diferentes momentos da região sudoeste paranaense como a colonização, os períodos econômicos, os fatores que levaram a Revolta e o desenrolar da mesma.

De início temos a imagem da chegada de colonos a Colônia Agrícola Nacional General Osório – CANGO^{vi}, destacando o processo de colonização que se deu a

partir de 1940. Essa imagem reafirma a ideia de que a povoação efetiva da região sudoeste somente ocorreu a partir da instituição, pelo governo federal. Esse entendimento relega as discussões sobre a presença de caboclos e indígenas na região desde muito antes.



Chegada de colonos no interior de marrecas.

Para além do discurso de colonização essas imagens nos apresentam uma representação do colono que viria se estabelecer na região, buscando melhores condições de vida e estrutura básica para a subsistência. Tal infraestrutura era a cedida pela CANGO. Assim constrói-se a ideia de que este pedaço do território paranaense era desabitado e que apenas com iniciativas governamentais é que se deu sua colonização. Colonização esta que foi realizada com famílias de colonos sulistas, ou seja, que já tinham conhecimento de como trabalhar a terra, desconsiderando aqueles que já moravam na região antes desse processo de colonização e que também já tinham nas práticas agrícolas a base de suas subsistências.

Após iniciada a colonização, o destaque passa a ser os primeiros empreendimentos realizados na região, como demonstra a imagem a seguir de uma serraria instalada no interior de Francisco Beltrão.



Serraria de Pedro Bordin, localizada em Rio Pedreiro, interior de Francisco Beltrão, no início da década de 1950.

A partir de imagens como estas se constrói a ideia de que o “progresso” veio à região junto aos colonizadores sulistas, pois com o caráter laborioso de tal população e, também, com o auxílio prestado pela CANGO, se tornou possível a colonização, além de fazer com que a mesma prosperasse.

A atuação da CANGO junto ao povo também é destacada, além das estruturas disponibilizadas pela mesma para auxílio às famílias de agricultores recém-chegados a Colônia.



Índios Guaranis (bugres) em 1953. Na foto, também aparecem os administradores Glauco Olinger e João Nascimento.



Construção que servia de hospedaria, construída em 1948, sede do escritório da CANGO e alojamento provisório de imigrantes.



Moinho da CANGO; Cancela para controle da entrada de famílias na Colônia; Maquinário para abertura de estradas e construção de pontes; e, Casa do Administrador

Por meio da caracterização da CANGO, enfatizada pelas imagens apresentadas, há o reforço do entendimento tido por autores como Wachowicz e Lazier da importância que a mesma exerceu para o progresso e constituição da região Sudoeste paranaense. Isso pode ser visto através das ações da mesma, que abriu estradas, construiu pontes, auxiliou na fixação dos agricultores junto a Colônia, disponibilizando além da terra, ferramentas para trabalho, madeira para a construção das casas e, também, auxílio especializado para que o agricultor recém-chagado pudesse desenvolver as atividades que lhe competiam, como o preparo da terra, o plantio, entre outros^{vii}.

Outro aspecto a ser destacado nas imagens apresentadas acima, é a identificação das populações que aqui viviam anteriores aos projetos de colonização. Sendo estes entendidos como “bugres”, ora os mesmos são descendentes do grupo Kaingang, ora são Guaranis. No entanto, não se realiza uma abordagem mais aprofundada sobre o assunto. O que reforça a ideia de que o desenvolvimento da região só se deu quando do projeto de colonização e com a vinda de colonos sulistas.

É a partir desse aspecto de desenvolvimento da região a partir da vinda dos colonos que se apresenta a Revolta como única e exclusivamente como um movimento que objetivava a titulação das terras aos colonos. E, a partir, dessa compreensão são deixados de lado ou mesmo silenciados outros aspectos de grande importância para a compreensão da mesma como, as relações políticas que envolveram o levante, as reivindicações por parte dos colonos buscando fazer com que o Estado atuasse de maneira efetiva na região, fornecendo a infraestrutura

básica para a educação, saúde, transporte, setores públicos, dentre outros, ou seja, para que o mesmo cumprisse com as obrigações que lhe cabiam.

Esse entendimento se dá a partir de imagens que caracterizam simbolicamente o confronto entre colonos e companhias de terras, pois os primeiros haviam recebido ou o protocolo de terra da CANGO ou adquirido o direito de posse de um outro colono que ali residia e as companhias enfatizavam a posse a partir de titulações realizadas pelo Governo Estadual.

As imagens referentes a Revolta são apresentadas de forma a ilustrar como a mesma ocorreu e, ainda, demonstrar os sentimentos vividos pelos colonos no momento. No entanto, entendendo as mesmas como documentos construídos e que reapresentam uma versão do momento registrado é necessário analisarmos como estas são inseridas no contexto do documento, pois é possível percebermos que em muitas os “revoltosos” estão posando para a foto, o que não condiz “exatamente” com o que estava acontecendo e nem mesmo transmite os sentimentos vividos no momento do registro fotográfico.

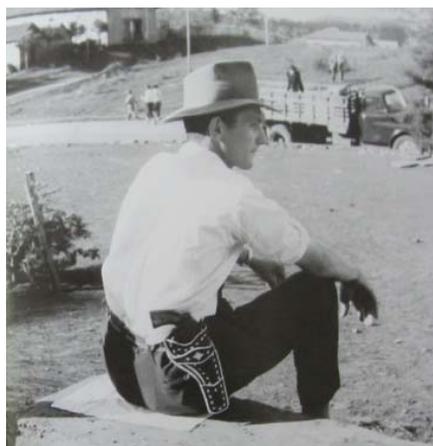
As imagens que destacam a união da população em prol de uma causa, a defesa de suas terras e a titulação em favor dos colonos é em muito destacada, como podemos perceber nas imagens que seguem.



Concentração de colonos na praça da matriz em Francisco Beltrão/PR.

Tais imagens são muito significativas, pois destacam os momentos de aglomeração dos colonos, as formas como eram orientados e os armamentos de que dispunham. No entanto estas imagens não podem ser compreendidas, como são apresentadas na maioria das vezes, como a representação do real, pois dizem respeito ao registro de momentos isolados. Em algumas podemos perceber de maneira nítida a construção da imagem e a intenção de se registrar aquele momento, pois os que participam da foto pousam para a mesma.

Entender que estas remetem a um momento histórico é necessário, mais não podemos caracteriza-las como a reprodução fiel daquilo que aconteceu. Da mesma forma ocorre com uma das imagens mais apresentadas sobre a Revolta, a qual apresenta o “colono”, que é sujeito principal desse momento. No entanto, a imagem não apresenta as condições aproximadas em que viviam os mesmos em um período conturbado de disputas por terras, mais sim uma figura elegante, bem vestida e armada. As vestimentas, o porte apresentado e a arma em questão destoam da ideia de colono sem muitas condições, que enfrentava dificuldades em meio a um processo de colonização e de reterritorialização. Mais corrobora com a ideia que se busca construir em meio as comemorações do cinquentenário da Revolta, de um colono forte, disposto a lutar em qualquer momento para defender suas terras.



Colono

Caracterizada a figura do colono, são destacados aqueles que participaram da Revolta como líderes. Essas lideranças são em muito construídas, de forma a compor a história da Revolta e caracteriza-la como ordeira.



Junta governativa de Francisco Beltrão, coordenadora da Revolta de 1957; O repórter Geraldo Russi, Luiz Prolo coordenador da Revolta e Ivo Tomazoni repórter da rádio Colméia.

Esse destaque aos líderes tornasse necessário quando se busca enfatizar que a Revolta não foi algo pensado como revide, mais sim um ato em defesa aos colonos, suas famílias e suas terras. Dessa forma, nomeando lideranças, é possível caracterizar a Revolta como algo elaborado, quando num primeiro momento se buscou resolver as questões existentes de maneira legal e apenas em último momento é que destacasse a necessidade de uma revolta armada. No entanto, em nenhum momento esta é apresentada como um movimento sem objetivos claros e desordenada.

Dessa forma podemos levantar questões no que se referem a construção da ideia da Revolta como um movimento, as intenções de se comemorar a vitória de um levante que foi vitorioso pela sua organização e discernimento de suas lideranças, para além de pensarmos os aspectos de marginalização do movimento, de aproximação entre colonos e jagunços quando ambos lançaram mão de violência, dentre outros aspectos.

E, por fim as imagens que representam a vitória dos colonos frente as companhias de terras. O destaque aos armamentos utilizados e as placas arrancadas por colonos, além da comoção geral contra as companhias, além das promissórias assinadas sob coerção espalhadas em meio as ruas das localidades.



Vitória dos colonos sobre as companhias de terras, outubro de 1957.

Estas imagens destacam-se pelos momentos impactantes que representam, pois os colonos venceram as companhias de terras, ocuparam seus escritórios e invalidaram todas as promissórias que haviam sido assinadas e mais tarde, estes ganham tituladas as terras pelas quais lutaram. Estas favorecem, em muito, a ideia apresentada no momento das comemorações do cinquentenário da Revolta, como esta sendo a única em que colonos obtiveram a vitória, ou seja, os títulos das terras em disputa. No entanto, outros conflitos similares ocorreram no Estado onde as terras foram tituladas aos colonos.

É a partir dessas análises que podemos compreender que documentos como as imagens apresentadas podem ser utilizados de maneira a corroborar com intenções de grupos específicos em momentos distintos, logo tais memórias são importantes e constituem um campo de disputa significativo. A construção de versões sobre os momentos históricos são necessárias para que possamos nos aproximar dos referidos acontecimentos, no entanto será sempre uma representação e não uma reprodução.

ⁱ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração: História, Poder e Práticas Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* de Marechal Cândido Rondon /PR. Vinculada a linha de pesquisa Práticas Culturais e Identidades. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Orientada pela profa. Dr. Geni Rosa Duarte.

ⁱⁱ A Revolta dos Colonos foi um conflito armado entre colonos e companhias colonizadoras, estas últimas representadas por jagunços, que ocorreu em 1957 na região sudoeste paranaense. Esta se deu quando as companhias exigiram por parte dos colonos o pagamento ou a desocupação das terras que segundo elas lhes pertenciam. Os confrontos se deram de maneira mais efetiva quando jagunços lançaram mão de violência contra as famílias de colonos que ali viviam e as mesmas tomaram conhecimento que as terras estavam *sub judice*, sendo que assim não eram das companhias de terras.

A denominação do conflito, também, constitui um campo de disputas entre diferentes grupos que buscam caracterizar a Revolta de maneiras distintas. Optamos por utilizar o termo colono entendendo que a região constituía-se, em muito, por migrantes internos, os “colonizadores”, que tinham suas subsistências garantidas pelas práticas agrícolas e de comércio que mantinham seja na área rural ou mesmo na área urbana. Mais informações ver Wachowicz 1985, Amancio 2009.

- ⁱⁱⁱ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p 3-15.
- ^{iv} PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO. **Caderno Cultural - Projeto Memória**. Departamento de Cultura. Ano 2, nº 5, Francisco Beltrão, 2007.
- ^v PESAVENTO, Sandra. Cultura e representações, uma trajetória. **Anos 90**. Porto Alegre, v.13, n. 23/24, jan./dez. 2006, p. 49.
- ^{vi} Colônia Agrícola Nacional General Osório – CANGO – criada em 01 de maio de 1943 pelo Governo Federal, com o objetivo de iniciar o processo, compreendido como oficial, de colonização do sudoeste paranaense.
- ^{vii} LAZIER, Hermógenes. **Análise histórica da posse de terra no Sudoeste paranaense**. Curitiba: SECE/BPP, 1986, p. 40.

Referencias bibliográficas

AMANCIO, Silvia Maria. **Ontem, luta pela terra; hoje, monumento histórico: a Revolta dos Posseiros no Sudoeste do Paraná em suas variadas versões**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá: [s.n.], 2009.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 1999.

LAZIER, Hermógenes. **Análise histórica da posse de terra no Sudoeste paranaense**. Curitiba: SECE/BPP, 1986, p. 40.

PESAVENTO, Sandra. Cultura e representações, uma trajetória. **Anos 90**. Porto Alegre, v.13, n. 23/24, jan./dez. 2006, p. 45 - 58.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p 3-15.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO. **Caderno Cultural - Projeto Memória**. Departamento de Cultura. Ano 2, nº 5, Francisco Beltrão, 2007.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Paraná Sudoeste: Ocupação e Colonização**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1985.